



Organizadores

Paulo Cesar Sandler | Antonio Sapienza |
Odilon de Mello Franco Filho

PSICANÁLISE

Inquietações ↔ Serenidade

Efeitos a longo prazo das contribuições de Bion

Blucher

KARNAC

INQUIETAÇÕES ↔ SERENIDADE

Efeitos a longo prazo
das contribuições de Bion

Organizadores

Paulo Cesar Sandler

Antonio Sapienza

Odilon de Mello Franco Filho

Inquietações ↔ Serenidade: efeitos a longo prazo das contribuições de Bion

© 2016 Paulo Cesar Sandler, Antonio Sapienza, Odilon de Mello Franco Filho (*in memoriam*) (organizadores)

© 2018 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisora gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério

N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Inquietações ↔ serenidade : efeitos a longo prazo das contribuições de Bion / organização de Paulo Cesar Sandler, Antonio Sapienza, Odilon de Mello Franco Filho. – São Paulo : Blucher, 2018. 636 p.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

ISBN 978-85-212-1243-0

1. Psicanálise 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 – Crítica, interpretação etc. 3. Interpretação psicanalítica I. Sandler, Paulo Cesar. II. Sapienza, Antonio. III. Franco Filho, Odilon de Mello.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

17-1563

CDD 150.195

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução – Em retrospecto: descrição e análise crítica de um encontro científico sobre a obra de Bion <i>Paulo Cesar Sandler</i>	9
--	---

Parte I – Estudos individuais

O desafio de pensar sobre psicanálise <i>Antônio Carlos Eva</i>	81
Inveja <i>Arnaldo Chuster e Renato Trachtenberg</i>	103
O protomental não realizado como fundamento dos transtornos de pensamento, simbolização e aprendizagem <i>Alicia Beatriz Dorado de Lisondo et al.</i>	109

Fatores de conjunção e disjunção no relacionamento de parceria fértil e criativa <i>Antonio Sapienza e Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho</i>	137
O mito de Édipo <i>Celso Antonio Vieira de Camargo</i>	171
Mudança catastrófica ↔ mudança criativa: entre a genialidade e a loucura <i>Claudio Castelo Filho</i>	179
Invariância, transformações e experiência emocional <i>Cecil José Rezze</i>	209
Observação: de “O cravo bem temperado” a “A arte da fuga” <i>Deocleciano Bendocchi Alves</i>	227
Aplicando a grade aos movimentos de um grupo: uma possibilidade de pesquisa em psicanálise <i>Isaias Kirschbaum e Marisa Pelella Mélega</i>	269
Matematização da psicanálise? <i>José Lopes das Neves Neto</i>	291
Estruturas em cena no processo psicanalítico: o <i>setting</i> psicanalítico para a clínica hoje <i>Jaques Goldstajn</i>	313
“Sonhar... Talvez...”: o instinto de verdade e a função mais profunda do sonhar nas contribuições de Bion <i>James S. Grotstein</i>	337
De kleinianos a neobionianos <i>José Luiz F. Petrucci</i>	373

Para um modelo sobre a dor mental: o negativo e a arte de transformar <i>Manuela Fleming</i>	381
Olhar indagador: <i>why shaped stare</i> <i>Maria Stela de Godoy Moreira</i>	399
O vazio mental: entre o misticismo e o terror hipotalâmico <i>Mario Giampà e Luca Caldironi</i>	421
Afinal, o que é a experiência emocional? (Ou uma pergunta que eu gostaria de ter feito a Bion) <i>Odilon de Mello Franco Filho</i>	457
Criatividade e expansão psíquica no limite do caos: a mente como um sistema adaptativo complexo <i>Raul Hartke</i>	475

Parte II

Estímulo I	487
Estímulo II	495
Uma experiência grupal organizada no momento Bion 35-25	501
Concordâncias e divergências entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica <i>Ryad Simon</i>	533
Sobre o senso comum <i>Luiz Tenório Oliveira Lima, Uraci Simões Ramos e Cláudia Starzynski Bacchi</i>	561

Produções oníricas e expansões de continência psíquica e do pensar na análise de um adolescente <i>Teresa Rocha Leite Haudenschild</i>	569
Uma experiência com um grupo (inicialmente) médio: em busca do grupo perdido – experiência de elaboração de uma situação grupal <i>Elsa V. K. P. Susemihl, Ester H. Sandler e Leda B. Spessoto</i>	611
A experiência de grupos médios <i>Odilon de Mello Franco Filho</i>	627
Mantendo viva a chama: encontros sobre a obra de Bion pelo mundo <i>Paulo Cesar Sandler</i>	629

O desafio de pensar sobre psicanálise

Antônio Carlos Eva

Escolho a palavra *desafio* para esta comunicação pois me parece que ela exprime a emoção central que experimento diante da tarefa que assumo.

A tarefa torna-se bastante difícil quando penso em Bion como estímulo maior para refletir e escrever sobre psicanálise. Entendo que Bion não nos propõe sermos, à sua imagem e semelhança, *bionianos*; mas, isso sim, propõe que sejamos nós mesmos, os mais verdadeiros e espontâneos que possamos ser no trabalho clínico, uma situação propícia para isso, e na vida como um todo, em que as possibilidades de sermos autênticos estão mais limitadas pelo próprio ambiente social que criamos, estabelecemos e mantemos. Procurarei fornecer alguns estímulos ou entradas para abordar o tema da influência de Bion em meu trabalho psicanalítico que sejam *linguagem de êxito* para os leitores e especialmente para mim mesmo.

Uso inúmeras palavras em itálico com a intenção de chamar a atenção do leitor de que se trata de um uso pertinente ao vocabulário

psicanalítico, particularmente articulado com a obra de Bion. Fiel ao conceito de *Transformações*, sei que as uso de modo particular e pessoal, guardando, tenho a esperança, alguma semelhança com o uso corrente psicanalítico. Em função disso, não as arrolarei como referências bibliográficas. Apenas farei alguma exceção, quando pensar ser pertinente a citação bibliográfica.

Decidi que, apresentando um pouco de minha trajetória analítica, quem sabe consiga criar um campo comum, que sirva de base para o pensar sobre psicanálise. Nos últimos dez ou quinze anos, tudo o que escrevo e discuto centra-se na pessoa do analista, procurando com isso atrair o foco da atenção para a nossa presença na sala de análise.

Iniciei a descoberta de Bion escritor em 1967, por meio da tradução feita para o castelhano de *Aprender com a experiência*; logo depois, descobri também *Elementos de psicanálise*. A seguir, *Transformações, experiências em grupos, pensamentos revisitados*, e assim foi, praticamente sem parar, por vinte ou trinta anos. Tivemos ainda Bion em São Paulo, e, a seguir, as pessoas que estiveram com Bion em São Paulo.

O resultado, em 2004, desse conjunto de influências foi que o conceito que passei a fazer de mente, funcionamento mental ou nomes semelhantes foi que a *função, ou área, ou parte psicótica* da personalidade não para de crescer e se expandir, ocupando o território que eu denominava *não psicótico*, em que estão a representação, a abstração e o pensamento. E, como não atribuo esse encolhimento da parte *pensante-representacional* a qualquer mudança ou perda maior da humanidade, concluo que meu modo perceptivo e conceitual é que foi se modificando. De um enfoque próximo à psiquiatria, do qual venho, encaminhei-me para a descoberta da impossibilidade de discriminar, sem meu método psicanalítico

disciplinado, a fenomenologia que capto. Ela precisa, pois, desse método e modelo.

Por vezes, tenho a fantasia ou a ideia de que somos tão somente *não pensamento*, *não aprendido da experiência*, e que a divisão proposta, psicótico e não psicótico, soa inútil. Pensar e apreender o significado da experiência é tarefa tão rara e difícil que me parece uma idealização, uma miragem que vai sempre se distanciando à minha frente à medida que me aproximo dela.

E como eu já habitei a terra da certeza, inserida no social, no campo que permite a separação entre saúde e doença, avaliada psiquiatricamente, em que pensamento era pensamento, fantasia era fantasia, alucinação era alucinação, acordado era diferente de dormindo e sonho se dava ao dormirmos, eu me pergunto: o que houve?

Repetir e ser repetido, a partir de como conceituo *Transformações* (Bion, 1965) e *Aprender com a experiência* (Bion, 1962), só podem ser assim chamados se ponho de lado esses conceitos, bem como a individualidade de cada pessoa.

Para a vida ser vivida, essa função da personalidade que anula o único e forma o *nós iguais* tem importância essencial. Creio que sobrevivemos ao impacto da vida quando, ao lado de *pensarmos e sermos únicos*, podemos também ser do *grupo nós*, ideia sabidamente falsa, mas sabidamente essencial para a sobrevivência e o repouso de estar e permanecer no mundo. Essa área faz parte de uma dimensão *mítica e sonhante* que nos mantém vivos.

Penso hoje que a convivência dessas duas funções da personalidade, que tenho chamado de *pensante* e *não pensante*, esta última possuidora de um *calmante interno* para a dor de ser único, é o que nos permite aproveitar o mau negócio de ser consciente do desafio de ser único e solitário.

Um dos fatores, fortíssimo provavelmente, para a reviravolta que experimentei foi o contato com as ideias de Bion e com as ideias de seus leitores, com quem estudei e conversei. E, muito centralmente, a experiência que vivo com meus analisandos.

A partir dessas experiências, criou-se um círculo, que está em contínua expansão. Essas infinitas vivências fizeram e lançaram-me no mundo das aparências e incertezas, que pude conhecer e procuro investigar. Como consequência, tornou-se raridade a verdade plena e a convicção última. São efeitos, penso eu, do que realizei com o conceito de *transformações* – conceito este que fui digerindo, pouco a pouco, à medida que me foi possível *suportar a frustração e o pensar*.

Queria propor, como nova entrada para o tema, que há uma perda notável nessa nova dimensão em que passei a me mover. Costumamos afirmar que os ganhos são imensos, valiosos, e que nos dão força e firmeza. Essas afirmações são, para mim, no entanto, menos palpáveis. Elas se filiam ao conceito de *verdade* como *alimento psíquico*, modelo criado em paralelo com a atividade de nos alimentarmos materialmente de tempos em tempos. Há, pois, um alimento material e outro psíquico – a verdade –, ambos essenciais à vida. Na minha vivência, a função psíquica se apresenta coordenando o todo da vida.

Como já escrevi anteriormente, o mundo mental em si, muito provavelmente, não mudou. Mudou, portanto, o ângulo pelo qual eu o apreendo; apesar de meu esforço, ele não se fixa e cria raízes, raízes que eram antes por mim conhecidas. Há ocasiões, no entanto, em que me percebo estar em terra firme e com raízes. Mas isso também me introduz, quase que invariavelmente, nas dimensões de *desconfiança* e de *investigação*. Estas duas tornam, novamente, o campo fluido e cambiante, no qual posso ou não penetrar,

dependendo essencialmente de me sentir *confiante, calmo e integrado* para adentrar novas terras. Quem sabe, por vezes, com a esperança de lá encontrar a terra da certeza e da discriminação.

Calmo, confiante e integrado são estados que eu crio e nomeio para mim mesmo. Essas emoções, no entanto, guardam relações muito variadas com o outro, com o “objetivo” e com o “verdadeiro”. Por vezes, também estão distantes do que é compartilhado por um grupo em que me encontro, ou, em uma dimensão maior, no campo social.

Progressivamente, tenho perdido o medo de ser único, o que em princípio deveria se constituir em dimensão de diversas vantagens. Digo e ouço dizer, escrevo e leio de outros, que é vantajoso ser único, conhecer-se, saber de nossa verdade íntima e, se possível, compartilhá-la com o grupo.

A minha vivência de ser único se constitui em uma dimensão difícil de alcançar e na qual também é difícil permanecer. Um dos aspectos que percebo dessa dificuldade diz respeito ao encontro e ao desencontro que terei com o outro se lhe conto, por exemplo, que perdi as certezas já tidas e que não as substituí por construções novas e mais fortes. Mas, vejo-me, isso sim, com dúvidas e mais dúvidas. Boa parte das teorias que davam conta de meu trabalho clínico não o fazem mais. Mostraram-se insuficientes.

Especialmente meus analisandos e aqueles supervisionados por mim se desagradam com essa dimensão do *não saber*, do não ter solução a ser aplicada a cada enigma surgido, a menos que eu use respostas sabidamente falsas para mim.

Para dar conta desse percurso, e para uma possível expansão, valho-me do poeta Fernando Pessoa. Como eu o admiro de longa

data, vou me dar a liberdade de usá-lo a partir do *Poema em linha reta* para algumas associações e variações.

Escreve Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa:

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
 ...
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...
 ...
 Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?*

Faço minhas as observações poéticas de Pessoa, a respeito de mim e do outro.

Tomo uma segunda liberdade, agora com a influência de *Transformações*, *Elementos de psicanálise*, *Aprender com a experiência*, *Grade* etc. para propor que me sinto aquele que leva porrada e que se sente porco, ridículo e vil; mas que *percebo* instalado ao meu lado, misturado e amalgamado a este, um outro, campeão em tudo, um semideus.

Crio, pois, uma diferença com o poeta Fernando Pessoa por perceber os dois em mim, por vezes calmos e de acordo com suas qualidades e circunstâncias, vivendo lado a lado; mas, por vezes, em guerra sem quartel, uma verdadeira guerrilha, não me deixando terra firme na qual possa me instalar.

Essa interiorização e consciência dos dois por vezes cria uma vantagem: intuo isso, por exemplo, quando há um *terceiro* dentro de mim, capaz de perceber os outros dois e com algum poder de administrá-los, e, por vezes, até com uma certa competência.

Aliás, dependo deste terceiro para me manter calmo em meu trabalho clínico. Por exemplo, quando percebo os outros *irmãos* semideuses, bondosos ou raivosos, ou quando percebo os irmãos que só levam porrada nesta vida.

Uma nova ideia de personalidade também se desenvolveu quando percebi que o melhor negócio a fazer é poder conviver com os dois, dada a impossibilidade, aprendida depois de muita luta, de poder expulsar um deles de dentro ou de perto de mim.

Talvez isso que articulo tenha alguma coerência, pois, vez por outra, posso escutar de alunos, supervisionandos e pares com os quais privo de amizade mais estreita que sou questionador, que não ofereço porto seguro, terra firme; mas, ainda assim, eles permanecem por perto e, pasmem, falamos sobre psicanálise. E, ainda assim, eles não me mandam para o exílio.

Penso que a terra firme eu gostaria de tê-la, primeiro para mim, *egoisticamente*, e se sobrasse espaço na mesma, gostaria de poder oferecê-la e compartilhá-la *socialmente*. Em outras oportunidades, busco a terra firme de outro ou de outros para poder usufruí-la. Nessas circunstâncias, sinto-me convidado e compreendido pelo outro.

Parece-me que essas imagens guardam proximidade com os conceitos de *vínculo parasítico e comensal*, desenvolvidos por Bion ao longo de seus livros.

Por isso, e quem sabe em função disso, tenho também, dentro do caos e das incertezas, feito algumas descobertas, que até o

momento resistem às minhas investidas de desconfiança e de investigação. Se vale a experiência até o presente, também não há garantias permanentes de que elas se tornarão verdades duradouras. São, no entanto, motivo de *fé pessoal*.

Sucintamente, são elas:

1. A *fé* de que a visão que tenho dos outros e de mim contém uma dimensão que é estritamente pessoal, à medida que provém de *aprendizado emocional experimentado*. A *fé*, nesta vivência, me dá autoridade pessoal, acompanhada de *paciência e curiosidade* para com o outro, que se apresenta sempre com suas diferenças, as quais busco privilegiar em minha observação. Dá-me, também, uma certa resistência ou inibição para transformar o outro em minha imagem e semelhança. Esse resultado, logicamente, é apenas parcial. Vejo-me *repetindo* e sendo *repetido*, apesar das observações que acabo de fazer.

2. Vejo-me trabalhando cada vez mais ligado à experiência captada dentro da sala de análise, onde uma *função* da personalidade se apresenta de múltiplas maneiras e da qual procuro discriminar *fatores* úteis para o conhecimento de tal função. Concluo, pois, que o conhecimento, a descoberta, ocorre quando consigo contar para o outro o que percebo de *forma propícia e suportável*. Nesse trabalho, deparo-me com os fatores impeditivos de mudança, que dão o limite, ou o contorno, do que posso observar e depois transmitir. Penso ser interessante assinalar que essas vertentes de mudança e não mudança estão presentes no par. Torna-se mais fácil percebê-las no outro. Isso me dá, no entanto, paciência, pois tenho a experiência desse processo comigo. É por isso que todas as teorias analíticas enfatizam, a começar por Freud, que, por meio da análise pessoal, o psicanalista irá desenvolver seu instrumento primordial de trabalho. E que não podemos, nem por um segundo,

esquecer as artimanhas, cada vez mais sofisticadas e “pensadas”, que cada um de nós utiliza para se afastar da experiência do novo em análise. Penso ser experiência comum que as aplicações, ou o falar ou escrever a respeito de psicanálise, são muito mais aceitas e fazem tanto mais sucesso do que a psicanálise em termos de dimensão teórica, e, mais ainda, em sua dimensão prática exercida na sala de análise.

3. Desse meu interesse, quase que exclusivo, sobre o que se passa no presente da sala analítica, resulta o aparecimento de pequenas unidades, que raramente podem compor, quando se acumulam, grandes unidades *conceituais*, as quais poderiam vir a se aglomerar em áreas ainda maiores, constituindo *teorias psicanalíticas*.

Não se trata de partir do zero, do absolutamente desconhecido, mas de se poder afastar disciplinadamente de outras manifestações, ainda que anteriormente elas tenham sido vivências, mas que no momento funcionam como parte da área de *não vivência*. Explicitando: aqui está a memória do já vivido com o analisando, ou com o analista, e que nesse momento tem função obstrutiva ou de ocultamento do presente. Incluo também, nesse território, as teorias psicanalíticas mais acabadas e científicas, que fazem parte de meu conhecimento psicanalítico. Creio estar fazendo uma diferenciação entre estrutura e função. Ainda que estruturalmente sejam de valor, funcionam, no momento, para evadir-me do novo, sempre presente e desafiante.

Assim, vivo atualmente um grande abismo entre uma prática simples, liliptiana, mesmo, e teorias sofisticadas, das quais só poderia me aproximar com *especulações imaginativas*, mas que pouca coerência observacional ou de certeza me dão se as aproximo de minha prática clínica.

Aponto para um paradoxo em nosso trabalho, pois, no local em que se podem capturar desenvolvimentos teóricos, eu não os posso comentar e estar atento a eles. Posso, isso sim, em outras circunstâncias, dar-lhes atenção, como penso estar fazendo neste escrito. Talvez seja uma situação semelhante à que Bion nos aponta ao dizer que a *grade* é um bom instrumento para afinar nosso repertório psicanalítico para o que se passa na sala de análise, mas que não deve ser usada na própria sala.

Talvez, o eixo maior que me orienta clinicamente é procurar me dar conta se a interação que tenho com o outro promove enfrentamento de tensão sempre existente provinda da *frustração*, ou se encontramos meios hábeis para evitar essa tensão nos afastando dela, isto é, *eludindo a frustração*.

4. O aprendizado emocional experimentado é o alimento para a formação de *elementos- α* , que serão, por sua vez, alicerces para o pensamento. Aqui se situa a *área não psicótica*. Ela é, pois, estritamente pessoal, construída e aprendida na experiência.

Esse campo de aprendizado, do qual provém o desenvolvimento do pensamento pessoal, difere de outras fontes de conhecimento as quais não contam com a dimensão do apreendido na vivência emocional. Isso, evidentemente, não invalida sua pertinência ao *patrimônio pessoal*. Esse patrimônio inclui boa parte do conhecimento adquirido pelas normas grupais e culturais e que estão fortemente presentes no nosso acervo pessoal.

Devo ainda incluir aqui o que chamamos de contato com a verdade última, que oferece certeza absoluta, e que por ter essa característica não participa de investigação ou indagação. Essa dimensão da personalidade está associada com a posse de satisfação. Essas fontes de saber são, pois, fortemente inibidoras do aprender

por meio da experiência emocional. A forma de aprendizado, por meio da função- α , se apresenta dispensável e sem qualquer sentido útil ou de curiosidade para quem já possui o todo. Creio ser esse um grande componente das resistências à mudança no trabalho psicanalítico.

5. Tenho, pois, como tarefa central, chamar a atenção, apontar e, a seguir, enfrentar a frustração associada com a *ausência*, pois creio que a partir dela é que se desenvolvem os meios de pensar e de aprender da experiência. Acredito que essa tarefa, que resulta no aparecimento do pensamento, facilita a vida como um todo. Vale, pois, como meio para ter um encontro comigo e com o outro, como ser humano.

Penso ser necessário, agora, explicitar um pouco mais o que entendo por *aprender com a experiência emocional*, que resulta em *emoção de pensamento*, capaz de abranger desde áreas complexas como a matemática, até o sonho e o mito, que se regulam por formas mais simples de apresentação.

Bem sei que os vocábulos *simples* e *complexo* não dão conta dos limites que quero demarcar como área não psicótica. Estou, pacientemente, à espera de um perímetro mais assertivo para o que procuro dizer e descrever.

O meu campo de trabalho será, primordialmente, falar sobre a experiência emocional e o aprender com ela. Esse caminho, único que conheço para escrever sobre o tema, deixará em segundo plano o próprio aprender com as emoções. Não tenho acesso, no entanto, a uma linguagem mais apropriada para “esse” estar na experiência emocional. Ela me faz muita falta. Penso que ainda está para ser construída, ao menos para nós psicanalistas. É captada nas artes em geral, singularmente, por cada um de nós.

Reconheço, ainda, que escrever sobre isso se torna um caminho mais fácil e conhecido se retorno à experiência emocional, como referência, para comentá-la. Imagino que possuímos um *anestésico interno*, que secretamos continuamente em busca do domínio do conhecimento, em busca de resolver e solver os mistérios que a cada momento a existência nos propõe.

Por outro lado, não creio que tenhamos suficiente paz e tranquilidade ao escrever e discutir o tema. Ele necessariamente alude ao nosso fazer psicanálise e remete a componentes que julgamos essenciais para tal.

Talvez eu possa realçar a diferença que procuro destacar contando minha experiência recente ao ver uma criança na rua diante de meu carro, à noite, com bastões de fogo e fazendo malabarismos. Surpreendeu-me, chamou a minha atenção, estava o novo diante de mim. Hoje, decorridos alguns meses e disseminada a apresentação diante dos carros, nas ruas da cidade, os malabaristas já fazem parte do conhecido, com seus bastões de fogo, e perdi a emoção primeira de surpresa. Essa situação foi incorporada ao conhecido e esperado. Foi-se a surpresa. Coloquei-a no convencional utilizando meu anestésico interno. Posso reconhecê-la e discriminá-la, mas foi-se o novo. Ela se “repete” em área de não pensamento.

Fazendo uma aproximação grosseira com o aprender com a experiência, penso que nossa busca diante dele é a de sermos ou nos vermos, ou sermos vistos, como o primeiro e único. Alinhavo, pois, a dificuldade ou a quase impossibilidade de apreendermos o novo e o vivo de cada momento da sessão de análise. Postulo que esse novo é parte essencial do aprender com a experiência emocional.

Postulo, ainda, que há sempre um único novo a cada momento de nossa vida. Cada vez que não o percebo – por determinantes

variados –, ponho o aprender com a experiência em *descanso* ou *paralisação*. Para isso, utilizo-me, automaticamente, do acervo de conhecimentos que tenho para estar na situação.

Acompanho Bion na proposta de que estamos mais despreparados para entrar em contato com a emoção do humano vivo do que para estarmos diante do novo inanimado ou do já conhecido e identificado. Nosso trabalho, como analistas, se dá na área do despreparo universal.

Aponto, a seguir, o perímetro que devo percorrer, nesta escrita, para dar conta minimamente do aprender com a experiência emocional.

A) Definir experiência emocional e aprender com a experiência emocional, de tal modo que as definições criem um campo compartilhado de ideias com os leitores.

B) As definições de experiência emocional e aprender com ela somente terão significado se puderem ser inseridas no conjunto maior de *elementos* que compõem a minha teoria do psiquismo, quando, então, ganharão sentido, coerência e consistência.

É desnecessário enfatizar que essa é uma tarefa quase impossível, por várias razões. Como propus a tarefa e não vejo caminho melhor do que descrevê-la, sigo por ela, atormentado pela incompletude que aponto.

Há, também, uma atração pelo novo. Decifrar o enigma da esfinje nos permite, de imediato, continuar vivos; mas a contraparte desse conhecimento é que, encontrando e tendo a chave, paralisamos a curiosidade alimentadora do pensamento. Estaremos salvos, vencedores, mas paralisados como pesquisadores curiosos. Tenho certeza, ou quase, de que a psicanálise, especialmente na sala de

análise, para se manter viva e atuante, precisa estar na *contramão* do conhecimento acabado, do conhecimento que tem a chave decifradora. Ainda mais se for a chave mestra. No modelo proposto, decifrar o enigma da esfinge salva, mas encerra, aprisiona, limita e dá por completa a busca.

Como chave mestra, aponto a completude do conhecimento alcançada por vários caminhos, particularmente com o par *sadio-doente* ou *superior-inferior*. Bion, ao expor sua grade em *Elementos de psicanálise* (1963), aponta a *coluna 2* como local apropriado para as formas sabidamente falsas de lidar com a vivência emocional, o que garante tranquilidade à pessoa.

Teorias sofisticadas, funcionalmente deslocadas de seu meio, servem também, e muito bem, para compor o anestésico da completude e do já conhecido. Nesses anos todos, tenho usado e visto serem usadas as *incógnitas elementos- α* e *elementos- β* , de forma *naturalizada*, fazendo parte “materialmente” dos fenômenos mentais. É corriqueiro, mesmo sem espanto, dizer que isso ou aquilo é *elemento- β* , parecendo mesmo poder ser visto ou ouvido pelos órgãos perceptivos sensoriais. Provavelmente, Bion não se deu conta da força e da grandeza de suas incógnitas. Vale o mesmo para a grade pessoal que ele desenvolveu para uso próprio e da qual nos apropriamos e que tem hoje uso quase universal.

Proponho que a emoção vivida por duas pessoas na sala de análise centra e sintetiza a busca do impossível, representado por resolver o enigma de qual é a experiência emocional em curso e o consequente aprender dela. O passo seguinte, dentro do impossível, será: como torná-la cativa de meu conhecimento? Creio ser experiência comum ouvir de uma pessoa que nos procura, no consultório, que ela veio porque sabe que já atendemos “muitos casos iguais ao dela”, que somos especialistas no assunto. Isso é o que, por

um lado, cria uma *confiança inicial*, e que, por outro lado, *amortece-anestesia* a busca de desconhecimento e conseqüente aprender com a experiência emocional. Deixamos de lado, se compartilharmos o papel proposto, a pesquisa do ser só e único no mundo, premissa necessária para desenvolver pensamento pessoal.

Aponto, pois, para um novo elemento na situação que acabo de esboçar: a existência de um vínculo centrado no *suposto básico de dependência*, o que remete a dupla para a área do não aprendido, pois um sabe o caminho, sendo pois o *líder* ou *pastor*, enquanto o outro se propõe fazer parte do *rebanho* que segue o líder. A premissa de descobrir-se e apropriar-se da vida própria está suspensa.

O trabalho do psicanalista, centrado no enfoque da vivência emocional em curso, procura atender o *conhece-te a ti mesmo*. Cuide-se, porém, pois a tempestade pode ser desencadeada nesse processo e pode fazer-te submergir.

Cabe ao *pensamento*, proposto como *emoção básica*, harmonizar, de várias formas, as duas dimensões primordiais da existência: ser único e pastor de si próprio em solidão e dependência e, conjuntamente, estar protegido por um grupo externo ou interno. Chamo a atenção para o uso que faço de *e* para as duas dimensões primordiais, e não para a alternativa *ou*.

Aponto, seguindo Bion, para três emoções básicas: amor, ódio e conhecimento. Certamente, a admissão do conhecimento como emoção básica é o grande desafio que enfrentamos em nosso trabalho clínico.

O modelo do jogo de xadrez tem se mostrado para mim bastante eficiente na introdução do campo analítico, permitindo que cada um se dê conta do tabuleiro e das peças que utiliza em seu ser psicanalista.

Com o modelo do xadrez, procuro fazer uma distinção entre o jogo com suas regras, que se aproxima do *senso comum*, e aquilo que é cada partida ou lance da partida, centro de meu interesse em psicanálise.

Procuro, mais uma vez, distinguir o que seja aprender com a experiência daquilo que é descrever ou escrever sobre ela, por mais adequado e criativo que seja o método empregado ao fazê-lo. Psicanálise, na concepção de aprender com a experiência emocional, essencialmente, é viver a situação. Descrevemo-la, posteriormente ou secundariamente.

Posso agora apresentar um dos elementos essenciais para o aprender com a experiência emocional e que na minha prática se oferece frequentemente como divisor de águas em conversas e trabalhos científicos. Sempre que possível, atendo-me à experiência em curso no momento, diante de mim e veiculada verbalmente, como caminho maior e mais frequente, mas intuída também por outros meios expressivos que não o discurso articulado em palavras.

A possibilidade, para um par de pessoas, de estar em um perímetro emocional que *tenha pontos comuns* é condição básica para que uma desempenhe para a outra o necessário e suficiente para perceber algo ou dar-se conta de algo. É condição para também poder discriminar esse algo de um todo, dar-lhe um nome ou sinal, e, se possível, comunicá-lo à outra pessoa com expressões *de êxito*; isto é, expressões de fato comunicativas, que aproximem mais os pontos comuns no círculo das duas pessoas.

É apenas uma nova formulação do jogo de xadrez, visto agora no local em que as peças se movimentam. É uma premissa de que é preciso estar atento a cada movimento nosso ou do outro para

perceber e intuir o resultado obtido, pois é a partir dele que iniciamos um outro passo para esclarecer o indiscriminado e o desconhecido.

A partir desse círculo comum, abrem-se várias interrogantes:

1. De que outro falo? Quem é o outro, em minha apreensão?

Do *vértice* do sujeito, trata-se, sempre, de uma outra pessoa. No vértice da segunda pessoa, que observa a primeira, o outro pode ganhar a dimensão de ser algo ou alguém indiscriminado. À segunda pessoa não cabe, nessa circunstância, chamar a produção da primeira de pensamento. Essa produção estará na área dos fatos bem estabelecidos e certos. Está perdida a dimensão de discriminação entre o eu e o outro. Diremos que a primeira pessoa, tendo posse e conhecimento completos, se aproxima do que Melanie Klein e Bion apontaram como fenômeno projetivo, na teoria da *identificação projetiva*.

2. Quem tem o poder ou a incumbência de decidir – em termos de *elemento de psicanálise* – sobre a natureza do movimento em curso? Certamente a segunda pessoa; no caso, o psicanalista.

Penso ter cabimento apontar agora as condições de mente do analista para suportar, de modo variado, o enfrentamento da experiência com o analisando na busca de expansão e discriminação compartilhadas.

Em trabalho anterior, feito para o evento Bion 99, em Buenos Aires, que versava sobre *transformações e sonhos*, propus o que se espera do analista: *paciência, humildade e respeito* pelo que apreendemos como animado e humano; acrescento que as três dimensões anteriores estão governadas por outro elemento, qual seja a *frustração suportável* para o analista. Penso que a frustração suportada

pelo analista é que governa a presença e a discriminação do outro como ser humano único e diferente de mim.

Tal estado de mente não pode, em minha experiência, ser imposto ou induzido a alguém, por informação ou demonstração racional. Ele necessita de uma configuração mental na qual se possa estar disponível para investigar o humano, no correr da experiência emocional e dentro da dimensão de incompletude.

Bion insiste em *Elementos de psicanálise* que ao analista não importa a compreensão sobre o analisando, mas, antes de tudo, a criação de uma alternativa em busca de incompletude ou *insaturação*, pois é nessa busca que se aprende com a experiência.

Esse caminho de insaturação pressupõe a perda da certeza de quem sou e de quem é o outro; aparece aqui outro elemento essencial do aprender com a experiência, que é estar *perdido da certeza dos fatos*, sabendo-se habitar, no entanto, um *como se soubéssemos*. É nele que nos apoiamos para poder desenvolver uma comunicação compartilhada; no mais das vezes, nos apoiamos no verbal, que é a forma de comunicação em que somos mais capazes.

Cabe ressaltar uma diferença importante sobre as motivações imediatas de analista e analisando. Em princípio, procuro, como analista, dar-me conta de quem é o outro que está diante de mim. Para isso – ainda que sabidamente falso –, tomo-me como *observador fiel* ou *real* da experiência em curso. Necessito de um ponto fixo para poder apoiar o movimento que faço. Estou ciente, no entanto, de que esse é um estratagemas que me permite dar um passo dentro do *como se*. Se tenho essa ideia presente, aparece-me como fiel acompanhante a *humildade e respeito*.

Em longos e extensos períodos de análise, o analisando, acossado pelo conflito que lhe causa o desassossego, busca alívio e tratamento

eficiente para a *dor* a partir dos meios disponíveis de sua mente. É necessário que o analisando possa se manter coeso e pensante para poder aprender com a experiência em curso. Essa coesão dependerá de sua condição de suportar frustração e dor. Se e quando a dor é insuportável e a ameaça de *ruptura* é iminente, a mente se vale de modos *não pensantes* para criar um aglomerado contínuo que superpõe vários fatores para a função primordial de sobrevivência.

3. Um trabalho ambicioso, mas também extremamente necessário, diz respeito à discriminação das funções que podemos estabelecer para as áreas da mente e – à maneira de um caleidoscópio –, percebendo-as no momento do jogo. Dar-lhes *continência* e perceber o sentido único e fugaz que desempenham é essencial. Esse sentido único e fugaz, funcional, frequentemente supera ou ultrapassa o já *estabelecido*.

4. É necessário estarmos sempre atentos para o fato de que as questões apresentadas cabem tanto no caso do analisando como no do analista. O analisando encontra-se privilegiado em relação ao analista, pois conta com a presença deste na sala de análise. Nunca é demais assinalar que, para o essencial, nós analistas nos encontramos sós. Há, pois, uma *assimetria* nas funções de analista e analisando.

Poderemos conversar sobre o que passamos ou percebemos na sala de análise, mas em outro contexto. Essa disciplina de poder discriminar as diferentes dimensões e os diferentes contextos do funcionamento mental é, provavelmente, a mais sofisticada questão para nós como analistas clínicos; ou como autores, ao propor uma teoria que dê conta de nossa clínica.

Creio que poder reunir essas dimensões por meio do pensamento é a busca essencial de nossa vida. Ela nos permite, por um

lado, ganhar novos instrumentos para nossa relação conosco e com os outros. Por outro lado, acoplada com essa dimensão, há também a discriminação de quem sou eu e a dor de me perceber no infinito do mundo. Ainda que ganhe novos instrumentos ou recursos, dou-me conta também da precariedade deles para abarcar as solicitações da vida.

Aponto agora para a revolução pela qual passei, como pessoa e psicanalista, ao perceber, basicamente como analisando, o sentido e o significado do escrito *Transformações e invariâncias*, que trouxe um outro tabuleiro e novas peças para o meu jogo de xadrez. Sempre que suportável, tira-nos da coisa em si, dos fatos acabados e controlados. Se há coesão suficiente, constitui-se em instrumento valioso para perceber e intuir as experiências humanas. Nessa condição, estamos em um sistema de observação que necessita de contínua alimentação para que possamos nos comunicar conosco e com o outro.

Aprender com a experiência pressupõe a distinção entre eu e o outro, bem como a capacidade de suportá-la, o que evoca a solidão e a dependência. As transformações que fazem parte dessa tomada de consciência escolherão áreas como as de *aprendizado* e também as de *alucinoze*, pois a frustração é a dimensão básica em jogo.

Se apresentei o pensamento como organizador de tendências, é preciso distingui-lo de não pensamentos, que se assemelhando fenomenologicamente a pensamento não exercem essa função ordenadora sintética. Recebem várias denominações na dependência de sua apresentação e do autor que os verifica: *alucinações, delírios, atuações, ruídos, pensamento esvaziado de sentido, objetos bizarros, automatismos de pensamento etc.*

Como proponho que a experiência emocional permite o aparecimento de pensamentos, cabe discutirmos os fatores que agem continuamente na mente e que interferem no fenômeno observável, impedindo o aprender com o vivido.

Bion, no meu entender, procurou em seus escritos, nos seminários e, deduzo que, fundamentalmente, na sala de análise, encontrar um modo eficiente de contar ao outro como percebia a experiência presente. Como estar presente para o outro, interferindo na experiência em curso para facilitar o aprendizado. De tempos em tempos, percebo que muda a interferência que faz, resultado provável de um novo modo de se orientar na comunicação.

Permanecem, no entanto, a percepção da solidão associada com a dependência, o desejo ou a busca de algo ou alguém que atenua e dê conta do isolamento inevitável. Ao lado disso, há também uma necessidade que busca vida, continuamente, sem levar em conta a pessoa que a hospeda e suas peculiaridades. E sabemos que a vida mental se nutre de verdade, de algo genuíno, que crie condições para suportar a dor.

Estabelece-se, então, uma tensão entre essas duas tendências, permanentes e atuantes, durante toda a vida. O que varia parece ser a intensidade e o equilíbrio para um lado ou outro, com as consequentes apreensões pela consciência do que se passa.

A nossa *função analítica* nesse vértice é, pois, permanecer por perto, com os instrumentos (paciência-humildade-respeito-tolerância à frustração diante da certeza perdida), de modo a poder interagir e facilitar a agregação em busca de pensamento, fruto do aprender com a experiência.

As teorias psicanalíticas que desenvolvemos procuram nos amparar nesse caminho de incertezas em que buscamos sermos nós mesmos. Têm, ainda, a função de criar um patrimônio que possa ser consultado por todos aqueles que percebem a importância da mente no todo da vida.

Espero, no entanto, ter mantido a ideia de que apenas arranhamos o mistério da vida, que se mostra, com o correr do tempo, mais e mais profundo.

Referências

- Bion, W. R. (1962). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1965). *Transformações, experiências em grupos, pensamentos revisitados*. Rio de Janeiro: Imago.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Inquietações ↔ Serenidade

Efeitos a Longo Prazo das Contribuições de Bion

Paulo Cesar Sandler (organizador)

Antonio Sapienza (organizador)

Odilon de Mello Franco Filho (organizador)

ISBN: 9788521212430

Páginas: 636

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018